

MEME E EDUCAÇÃO: PRÁTICAS EDUCATIVAS EM REDE

Rosemary dos Santos¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Felipe da Silva Ponte de Carvalho²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

O Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação (PPGECC) é uma experiência pioneira na Baixada Fluminense. Um Mestrado em Educação que assume o compromisso com o desenvolvimento de investigações voltadas para as problemáticas das periferias, sejam elas territoriais, políticas, sociais e/ou culturais e comunicacionais.

Com esse objetivo, ao longo dos anos, o Programa tem investido na formação de novos quadros intelectuais engajados no enfrentamento das questões educacionais e culturais em periferias urbanas, concebidas como lócus de produção de conhecimento e de intervenção no social que, muitas vezes, escapam aos padrões legitimados hegemonicamente.

Nessa perspectiva, a articulação entre educação, cultura e comunicação tem sido buscada a partir do entendimento de que são aspectos constitutivos da compreensão que deve mover os esforços contemporâneos de formação de educadores para atuar nas diferentes e múltiplas esferas formativas.

Dessa forma, essa articulação implica pensar sobre os valores que vêm mudando aceleradamente as diferentes áreas sociais, políticas e econômicas a partir de ações coletivas. Mudanças essas que inspiram invenções teórico-metodológicas nas diferentes áreas do conhecimento humano. A atuação desse

¹ Professora Adjunta do Departamento de Formação de Professores da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ). Doutora e Mestre em Educação pela UERJ. Professora da Rede Municipal de Educação Duque de Caxias. Vice-coordenadora do GPDOC - Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura. Tutora de Educação a distância. Site: www.docenciaonline.pro.br. E-mail: rose.brisaerc@gmail.com

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Membro do Grupo de Estudos em Gênero e Sexualidade e(m) Interseccionalidades (Geni) e do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC). Bolsista FAPERJ. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7398-6171> E-mail: felipesilvaponte@gmail.com



conhecimento hoje se materializa cada vez mais pelos usos das tecnologias digitais em rede, aqui entendidas como criação cultural, cujos usos e aplicações são definidos pela atuação direta dos sujeitos no momento sócio-histórico em que vivem, compartilham, cocriam e interagem criando múltiplas linguagens e sobretudo, ampliando seus repertórios culturais.

Assim, a Revista Periferia tem a preocupação permanente de ampliar os percursos do discurso científico, levando-os para além dos muros da universidade, em amplo diálogo com a sociedade. Para isso, contamos com nossos leitores como interlocutores com suas vozes ampliadas, nas trocas de saberes tão necessárias para escaparmos das lógicas que cada vez mais tentam restringir às dinâmicas vividas nos mais diversos espaços e tempos da sociedade. Nesse número, a Revista reitera a necessidade do amplo diálogo que devemos estabelecer com professores e estudantes.

Em um momento tão difícil que atravessamos, no Brasil e no mundo, com retrocessos nas políticas públicas, é preciso firmar compromissos com a democracia. Parte fundamental desse compromisso é ampliar o debate a partir de fontes plurais e representativas como nos textos trazidos pelos autores que colaboram conosco nesta nova edição.

De acordo com Santos, Colacique e Carvalho (2016), os memes criados na internet podem ser entendidos como aspectos da realidade imagética e trazem com humor, elementos para a imaginação que recria e interpreta a realidade por ele representada. Os memes também podem ser usados em sala de aula para sintetizar a ideia de um conceito, um momento histórico ou experiência, desenvolver a criatividade e a colaboração e promover a autoria entre professores-alunos e alunos-alunos. É a partir dessa ambiência que a presente edição da Revista Periferia **“Meme e educação: práticas educativas em rede”** se situa, apresentando como desdobramentos os seguintes trabalhos:

O artigo **“OS MEMES COMO AUXÍLIO NA LEITURA MULTIMODAL CRÍTICA: UM RELATO DOCENTE NA SALA DE AULA DE LÍNGUA ESPANHOLA”** de Debora Sandyla Araújo Santos está baseado em um relato de experiência docente, cuja objetivo era a de estimular a criticidade leitora de alunos adolescentes,



pautado em eixos conceituais, tais como: linguagem online, letramento multimodal, multimodalidade, multiletramentos e leitura crítica.

Já no texto de Vicente de Lima-Neto e Erika Guimarães de Oliveira: “MEMES NO FACEBOOK: LETRAMENTO CRÍTICO NA ESCOLA PÚBLICA A PARTIR DO HUMOR”, os autores destacam que os memes presentes em nosso cotidiano são vistos como elementos de diversão e entretenimento, mas podem ser utilizados também como ferramenta de aprendizagem. Para esses autores, o desafio da prática pedagógica é associar o humor dos memes ao ensino de forma geral e, em específico, ao ensino de língua portuguesa. Nesse sentido, o trabalho teve por objetivo investigar como os memes podem ser utilizados nas aulas de língua portuguesa, para promover o letramento crítico dos alunos na escola pública. Como resultado, ressaltam que, além do humor utilizado para gerar interação, os alunos percebiam a crítica social contra a perda de direitos adquiridos, racismo, ironia e explanem isso nos diversos eventos comunicativos dentro e fora da escola.

“MEMES NO APRENDIZADO DE LÍNGUAS: UMA PRÁTICA MULTILETRADA NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A JUSTIÇA SOCIAL”, artigo de Janaina da Silva Cardoso, Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara e Ana Beatriz Simões da Matta emerge de discussões sobre práticas pedagógicas de professores de línguas adicionais em um grupo de pesquisa e reiteradas em leituras e estudos de uma disciplina de curso de pós-graduação. O texto é apresentado em quatro partes: considerações iniciais, que apresenta brevemente o conceito de multiletramentos; uma discussão sobre a formação docente, que busca a justiça social; um exemplo de aplicação de memes para o processo de ensino-aprendizagem de espanhol e finalmente, o texto é concluído com algumas considerações finais.

O trabalho “LEITURA LITERÁRIA E MEMES: ANÁLISE DE UMA PROPOSTA” abordado por Katrym Aline Bordinhão dos Santos teve como objetivo refletir sobre uma metodologia avaliativa acerca da compreensão de um texto literário, a partir de uma experiência realizada em sala de aula com turmas do ensino médio e a leitura dos textos: O alienista, de Machado de Assis, e A hora da estrela, de Clarice Lispector, demonstrando uma prática de uso do texto



literário vinculada à criação de memes, que também podem ser considerados gêneros textuais. Notadamente a autora destaca que percebeu o interesse de uma parcela dos estudantes, acostumados com o gênero textual, o que culminou na produção de memes que demonstraram um repertório criativo na busca por atingir o sentido que experimentaram nas leituras.

Ariana da Rosa Silva, em “ENSINO DE GRAMÁTICA: ANÁLISE DAS RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS DA CONJUNÇÃO EM MEMES”, analisa as relações lógico-semânticas das conjunções, especialmente, da conjunção “e” em textos do gênero textual meme. A principal conclusão obtida nesse estudo, foi que uma conjunção, ou outra classe gramatical, não pode ser descrita e limitada a um único sentido, como tem sido feito pelas gramáticas tradicionais e utilizado pelas escolas de educação básica do Brasil. Isso porque, a partir do uso, podem ocorrer diversos efeitos contextuais para o mesmo elemento linguístico.

“MEMES EM SALA DE AULA: POSSIBILIDADES PARA A LEITURA DAS MÚLTIPLAS SEMIOSES” de Helena Maria Ferreira, Marco Antônio Villarta-Neder e Geanne dos Santos Cabral Coe problematiza as contribuições que o gênero meme pode oferecer para a ampliação da proficiência de leitura e produção de textos por parte de alunos de Ensino Médio. A partir do trabalho empreendido, os autores constataram que o gênero meme apresenta características substanciais para se pensar as multissemoses no ensino de língua portuguesa na escola e para a ressignificação de metodologias para a ampliação de habilidades relacionadas aos multiletramentos relacionados ao uso das diferentes linguagens. Para esses autores, é importante destacar que os memes se configuram como mecanismos que podem propiciar uma ressignificação do trabalho com textos, uma vez que as condições de produção podem ser revisitadas.

Diego Leonardo Santana Silva, no artigo “OS MEMES COMO SUPORTE PEDAGÓGICO NO ENSINO DE HISTÓRIA”, objetiva refletir acerca da possibilidade do uso de memes como um recurso pedagógico que aproxime professores e alunos em sala de aula a partir de uma linguagem digital comum. Nesse trabalho, o autor leva em consideração as pesquisas sobre a inserção de recursos digitais em sala de aula, apresenta uma reflexão sobre essa questão,



a partir de um estudo sobre os memes desde suas características básicas até o uso dos mesmos por páginas que abordem conteúdo histórico encontradas no Facebook. Por fim, o autor reflete sobre a possibilidade de uso e o papel que este recurso pode ter em sala de aula.

No artigo “O USO DE MEMES NAS AULAS DE HISTÓRIA”, Luisa Quarti Lamarão relata uma experiência pedagógica com o uso de memes na elaboração de questões e também na proposta de os próprios alunos criarem seus memes a partir das aulas de História, em turmas de 7º e 9º anos do Ensino Fundamental II. Para essa autora, a atividade apresentou resultados interessantes, uma vez que, por um lado, atualizou a apresentação das avaliações, já que oferece uma linguagem semelhante àquela que eles estão acostumados em seu cotidiano fora da escola; por outro, colocou os estudantes como produtores de conhecimento, interpretando os temas históricos com seus “olhos cibernéticos”.

Maria Alice de Souza em seu artigo “MEMES DE INTERNET E EDUCAÇÃO: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA AS AULAS DE HISTÓRIA E LÍNGUA PORTUGUESA” apresenta uma sequência didática desenvolvida com alunos do ensino médio de uma escola pública utilizando o meme de internet. Ao final da experiência, a autora relata que longe de ser um gênero voltado apenas para a fruição, o meme de internet porta teor crítico, possuindo um grande potencial didático.

O presente trabalho de Ariosvalber de Souza Oliveira: “NOTAS SOBRE INCLUSÃO DIGITAL NO ESPAÇO ESCOLAR À LUZ DOS USOS DOS MEMES” reflete acerca da problemática da inclusão digital na educação brasileira a partir dos usos de memes, atendendo a duas possibilidades: apresentar apontamentos sobre a exclusão digital no processo educacional brasileiro e indicar o meme como possibilidade de reflexão sobre o cotidiano da sala de aula à luz da exclusão e da inclusão digital.

Na Seção de “Entrevista”, Mariano Pimentel fez uma entrevista com o professor-pesquisador Marco Silva, que se tornou famoso por seu livro “Sala de Aula Interativa”. Na entrevista, foi discutido o papel dos memes na educação, como os professores devem trabalha-los em suas práticas educativas, e se os



memes possibilitam práticas autorais e interativas ou se representam uma nova roupagem para a tradição de exposição de conteúdos para os alunos.

Ainda nesta edição contamos também com artigos de “Fluxo Contínuo”. Em “ONGs: PRÁTICA CIDADÃ OU OMISSÃO DE UM ESTADO REGULADOR?”, artigo de Cíntia Borges de Almeida e Giselle Rafael de Lima, estas autoras objetivam problematizar a historicidade das Organizações não governamentais (ONGs) no Brasil, assim como analisar suas contribuições sociais e suas práticas pedagógicas no que diz respeito aos espaços de educação não formal. Com esta empreitada justificam a escolha do objeto de estudo acreditando ser um tema relevante, já que é possível questionar a transferência estatal da responsabilidade estatal sob uma concepção de Estado Regulador. Concluem que as Organizações não Governamentais atuam em variados espaços com objetivos específicos e que, apesar de desempenharem um importante papel social, essas instituições não devem diminuir o papel e o compromisso do Estado com as políticas educacionais públicas.

Em “PENSANDO O GRAFFITI COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO: PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO TERRITÓRIO SIMBÓLICO-IDENTITÁRIO DA RUA”, Cristiane Palma Bourguignon e Priscila Bueker Sarmento objetivam apresenta uma reflexão teórica sobre o elemento urbano *graffiti* como potencial meio de comunicação na produção de sentidos no diálogo dos sujeitos no território das cidades. Neste artigo, as autoras discorrem que por ser uma tendência pós-moderna, a dificuldade de categorizar o *graffiti* a partir de suas características como meio de expressão não desqualifica esta que é uma prática social emancipatória, alternativa à comunicação tradicional, e que visa por meio de sua atuação uma sociedade plural e democrática no âmbito do direito à liberdade de expressão e pensamento. Assim, consideram que com um *ethos* e linguagem peculiares, o graffiteiro como emissor se apropria de elementos da técnica que advém das artes tradicionais como a pintura para criar e expressar o seu “eu” subjetivo cuja mensagem será (ou não) percebida e (re) interpretada de diferentes maneiras, a partir do universo simbólico social do observador/receptor/fruidor.



João Augusto Neves no artigo “UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DO MC TS: A FAVELA, O FLUXO E (EST)ÉTICA DO CONSUMO” , a partir de entrevistas realizadas para a produção do documentário “É o fluxo”, destaca que alguns personagens se tornaram emblemáticos devida à riqueza de detalhes apresentados em sua narrativa. Por meio dos encontros proporcionados no decorrer das filmagens e através do compartilhamento de imagens e materiais sonoros e poéticos, alguns elementos excitaram a reflexão sobre questões relativas aos processos de subjetivação na sociedade contemporânea. Com isso em mãos, esse autor enumera algumas análises possíveis sobre a cultura funk, a favela e a (est)ética do consumo.

Fechando a Seção de artigos de “Fluxo Continuo”, Vinícius Oliveira Pereira no artigo sobre “CAPOEIRA E A ESCOLA: UM OLHAR ETNOGRÁFICO” propôs a discutir as implicações do diálogo entre uma escola da educação básica da rede municipal de ensino da cidade de Nova Iguaçu/RJ e a capoeira. Trata-se de uma etnografia das aulas de capoeira que envolveu diferentes sujeitos do espaço escolar: oficina de capoeira, professoras e estudantes. A escola analisada trabalhou com a capoeira a partir do Programa Mais Educação, que, entre outros objetivos, visa aumentar a permanência de estudantes no espaço escolar a partir da oferta de atividades educativas no contra turno escolar. As considerações finais apontam que a vinculação da capoeira com a cultura afro-brasileira, por vezes, tem sido rejeitada devido à presença de traços que a conectam com a religiosidade de matriz africana, sobretudo o candomblé e a umbanda. Diante desse contexto, identificamos, nas aulas de capoeira, tentativas de “esportizar” a manifestação como forma de lidar com a intolerância religiosa presente no cotidiano escolar.

Por fim, na seção “Resenha”, Gilson Pereira dos Santos Júnior, Josevânia Dias Moreira Pereira e Simone Lucena traçam algumas problematizações a partir da obra “FAVA, RUI. TRABALHO, EDUCAÇÃO E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: A ERA DO INDIVÍDUO VERSÁTIL”.

REFERÊNCIAS



ALMEIDA, Cíntia Borges de; e LIMA, Giselle Rafael de. ONGs: prática cidadã ou omissão de um Estado regulador? *Revista Periferia*, v. 11, n. 1, 2019, p. 240-259. DOI: <<https://doi.org/10.12957/periferia.2019.34455>>.

BOURGUIGNON, Cristiane Palma; SARMENTO, Priscila Bueker. Pensando o graffiti como meio de comunicação: produção de sentidos no território simbólico-identitário da rua. *Revista Periferia*, v. 11, n. 1, 2019, p. 304-324. DOI: <<https://doi.org/10.12957/periferia.0.30879>>

CARDOSO, Janaina da Silva; ALCÂNTARA, Alessandra Cristina Bittencourt; e MATTA, Ana Beatriz Simões da. Memes no aprendizado de línguas: uma prática multiletrada na formação docente para a justiça social. *Revista Periferia*, v. 11, n. 1, 2019, p. 54-72. DOI: <<https://doi.org/10.12957/periferia.2019.39390>>.

FERREIRA, Helena Maria; VILLARTA-NEDER, Marco Antônio; e COE, Geanne dos Santos Cabral. Memes em sala de aula: possibilidades para a leitura das múltiplas semioses. *Revista Periferia*, v. 11, n. 1, 2019, p. 114-139. DOI: <<https://doi.org/10.12957/periferia.2019.36936>>.

JÚNIOR, Gilson Pereira dos Santos; PEREIRA, Josevânia Dias Moreira; e LUCENA, Simone. Fava, Rui. Trabalho, educação e inteligência artificial: a era do indivíduo versátil. *Revista Periferia*, v. 11, n. 1, 2019, p. 325-330.

LAMARÃO, Luisa Quarti. O uso de memes nas aulas de História. *Revista Periferia*, v. 11, n. 1, 2019, p. 179-192. DOI: <<https://doi.org/10.12957/periferia.2019.36442>>.

LIMA-NETO, Vicente; OLIVEIRA, Erika Guimarães de. Memes no Facebook: letramento crítico na escola pública a partir do humor. *Revista Periferia*, v. 11, n. 1, 2019, p. 33-53. DOI: <<https://doi.org/10.12957/periferia.2019.36445>>.

NEVES, João Augusto. Um olhar sobre o processo de subjetivação do MC TS: a favela, o fluxo e (est)ética do consumo. *Revista Periferia*, v. 11, n. 1, 2019, p. 260-278. DOI: <<https://doi.org/10.12957/periferia.2019.30975>>.

OLIVEIRA, Ariosvalber de Souza. Notas sobre inclusão digital no espaço escolar à luz dos usos dos memes. *Revista Periferia*, v. 11, n. 1, 2019, p. 214-230. DOI: <<https://doi.org/10.12957/periferia.2019.37040>>.

PEREIRA, Vinícius Oliveira. A capoeira e a escola: um olhar etnográfico. *Revista Periferia*, v. 11, n. 1, 2019, p. 279-303. DOI: <<https://doi.org/10.12957/periferia.2019.36382>>.

PIMENTEL, Mariano. Meme, educação e interatividade: entrevista com Marco Silva. *Revista Periferia*, v. 11, n. 1, 2019, p. 231-239. DOI: <<https://doi.org/10.12957/periferia.2019.38187>>.



SANTOS, Debora Sandyla Araújo. Os memes como auxílio na leitura multimodal crítica: um relato docente na sala de aula de língua espanhola.

Revista Periferia, v. 11, n. 1, 2019, p. 16-32. DOI:

<<https://doi.org/10.12957/periferia.2019.36424>>.

SANTOS, E.; COLACIQUE, R.; CARVALHO, F. A autoria visual na internet: o que dizem os memes?. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, v. 18, n. 1, p. p. 135-157, 13 jul. 2016. Disponível em:

<<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/2570/2168>>

.

SANTOS, Katrym Aline Bordinhão dos. Leitura literária e memes: análise de uma proposta. **Revista Periferia**, v. 11, n. 1, 2019, p. 73-87. DOI:

<<https://doi.org/10.12957/periferia.2019.36436>>.

SILVA, Ariana da Rosa. Ensino de gramática: análise das relações lógico-semânticas da conjunção em memes. **Revista Periferia**, v. 11, n. 1, 2019, p. 88-113. DOI: <<https://doi.org/10.12957/periferia.2019.36434>>.

SILVA, Diego Leonardo Santana. Os memes como suporte pedagógico no ensino de história. **Revista Periferia**, v. 11, n. 1, 2019, p. 162-178. DOI:

<<https://doi.org/10.12957/periferia.2019.36408>>.

SOUZA, Maria Alice de Souza. Memes de internet e educação: uma sequência didática para as aulas de História e Língua Portuguesa. **Revista Periferia**, v. 11, n. 1, 2019, p. 193-213. DOI:

<<https://doi.org/10.12957/periferia.2019.37016>>.

